JOEL DE OLIVEIRA
Rua Barroso, 14
TERESINA — PIAUI

EDIÇÃO
— DE —
12
PÁGINAS

Ano I — N. I

Parnaíba - (Piauí), Sexta-feira, 25 de Agosto de 1944.

O Cálamo

Quinzenário Literário

Diretor: — JOSÉ NICODEMOS FONTE
Redator-chefe: — MÁRIO ANDRADE CORREIA

CORPO REDACIONAL:

B. Soares
Jurandyr Sousa
Everardo Araujo
Sergio Oliveira
R. Mota
Barreto Correia
Uchoa de Meneses

Apresentação

CÁLAMO era uma pena de que os antigos se serviam para escrever. Nós que não possuimos a sabedoria dos anciãos, como disse o filósofo: «Si la jeunesse savait, si la vieillesse pouvait»; nós que somos como o metal útil e escondido, envolto na ganga, cheio de impurezas e imperfeições, que a mão do mestre procura amoldar, purificar e aperfeiçoar; a nós que falta a luz e sobeja a vontade; em linguagem chã, servir-nos-emos de um cálamo semelhante ao que usavam os antepassados, isto é, de uma pena sem brilho e sem alarde, simples e inculta.

Embora «Cálamo» seja um título invulgar, não quer isso dizer que os seus dirigentes venham imbuidos de ostentação e luxo literário; não pretendem encher as páginas com palavras empoladas de ideias ôcas; não teem a intenção de ver os seus nomes em relêvo: são filhos do povo e lutam pela causa do povo; não são movidos por interêsses mesquinhos, mas pelo desejo de cultuar o espírito e concorrer com a parcela de esforço para a dignidade da nação. «Cálamo» não é dirigido à «elite» literária, aos policiais da língua. Mais romântico do que clásico, cultiva a ideia além da forma. E' em suma o intérprete do pensamento moço, que sabe amar e sentir, que luta e vive, que trabalha e vence. E' a mocidade impetuosa, desprovida de regras, espontânea, serva do coração, de entusiasmo realisador, desembainhando a espada do combate, declara guerra ao comodismo, á atitude passiva e indiferente; mocidade que exalta o trabalho, a virtude e a verdade, condenando a inércia, o êrro e a hipocrisia.

Nas horas do descanço, tú, leitor amigo, após os trabalhos e canseiras do dia, no aconchêgo do lar, rodeado pelos teus, terás a condescendência de ler êstes artigos, certamente desculpando a nossa inexperiência, e dando abrigo no coração ao humilde «Cálamo», que pede licença para figurar como estréla pequenina e obscura no céu literário do Brasil.

Bandeira do meu Brasil!

Prof. LIMA COUTO

Bendita sejas por tudo quanto significas para nós!

Bendita sejas pela nossa Unidade Politica, consubstanciada nos principios fundamentais da Constituição de 10 de Novembro!

Bendita sejas pela nossa Unidade Geográfica, expressa na grandeza de nosso território e na soberania nacional!

Bendita sejas pela nossa Unidade Histórica, concretizada magistralmente pelos feitos gloriosos de nossos bravos e pelo exemplo edificante de nossos maiores!

Bendita sejas pela nossa Unidade Moral, apoiada nas virtudes inatas, na coragem, na energia, no denôdo, na lealdade, na altivez e bravura do Povo Brasileiro!

Bendita sejas pela nossa Unidade Étnica, caldeada na valorização eugênica do homem brasileiro, inconfundivel, «feito expressão conciente do valor da raça»!

Bendita sejas pela nossa Unidade Social, que revive na Familia Brasileira os sublimes principios de formação do Lar sôb a égide cristã, e de glorificação da maternidade!

Bendita sejas pela nossa Unidade Cultural, fundamentada numa civilização própria, numa lingua ùnica, nos nossos patrimônios intelectuais e artísticos!

Bendita sejas pela nossa Unidade Econômica e Financeira, firmada no saneamento geodemográfico, no povoamento do solo, na nacionalização do Capital e do Trabalho, na circulação das nossas riquezas!

Bendita sejas pela nossa Unidade Jurídica, expressa na sábia dosagem de um sistema de direitos e deveres recíprocos, de que é prova bem patente a nossa Legislação Social e Trabalhista!

Bendita seja pela nossa Unidade Patriótica, concretizada na veneração da Bandeira Nacional, na exaltação das atividades e finalidades da Juventude Brasileira, no respeito ás classes armadas e no combate a toda espécie de sentimento regionalista ou credo político alienígena!

Bendita sejas tú, oh Bandeira do meu Brasil! que já não abrigas apenas as esperanças de um povo soberano e livre, ansioso de crear, crescer, subir; nem só a Civilização Continental, porém de todo o mundo conciente e livre, que luta para vencer a opressão e tirania, porque ainda acredita nos sagrados princípios de Liberdade e Justiça!

Por tudo isso, mil vezes bendita, bandeira do meu Brasil!

OS JOGOS E SUA INFLUÊNCIA!

M. P. F.

A formação da criança, — tabernáculo vivo onde se concentram todas as nossaas esperanças — merece um especial carinho; u'a dedicação toda especial; requer enfim cuidados solícitos sob o ponto de vista higienico, psiquico e escolar.

Nesta formação é indiscutivel o valor dos jogos educativos. E' uma necessidade urgente para a criança, logo nos primeiros mêses de sua existência ela brinca, e brincando vai mostrando suas tendencias, suas afeições e seus sentimentos. E' um excelente meio didático auxiliar, embora simples passatempo para a criança o jogo tem uma notável influência a exercer no desenvolvimento individual e por isso a pedagogia o aproveita.

E' uma necessidade biológica.

A criança sadia brinca, joga com os companheiros externando sem querer, todas as suas tendencias; aí ela faz camaradagem, que, muitas vezes lhe será util; aí ela demonstra o seu carater, as suas atitudes; si não brinca será uma criança doente de corpo e espirito, e seu carater formar-se-á sob a ação de influências mórbidas. «Mente sã em corpo sadio já era aforismo dos antigos. E é bem acertada a afirmação de Ratrich: «a criança brinca para criar-se de novo, para retemperar as próprias forças».

O jogo é uma preparação para a vida. A criança jogando prepara-se para vencer amanhã, na longa e espinhosa trajectória do dever, os obstáculos que se lhe antepõem — Gross diz que — «é mais ajustado á vida e tende a sobreviver aquele que mais brincou».

(Continúa na 12ª. página)

BIBLIOGRAFIA...

"As exéquias de D. Francisco"

José Piauindio

Nome sobejamente conhecido nos círculos intelectuais e além rincão piauienses, o Sr. Alarico da Cunha é uma dessas inteligências superiores que não se coadumam com a criminosa indiferença votada às cousas do espírito.

Acaba de acrescentar á sua obra valiosa e vasta de escritor mais uma brochura de singular interêsse: «As exéquias de D. Francisco», é o seu titulo; manejando com uma finura que lhe é peculiar, compondo em estilo ágil, riquissimo de imagens, e de sugestões, fluente e escorreito.

O Sr. Alarico da Cunha, que já tem o seu lugar de destaque nas letras, reafirmou—o mais.

Buscar defeitos ou falhas nas páginas de «As exéquias»..., séria o mesmo que catar pulgas em leão — permitiam-me a «charge».

As obras valem, mais e sobretudo, pelas suas intenções, pelo conjunto, pelos elementos ideais empregados na sua construção, pela pureza e brilho, graça e simplicidade de estilo.

Enfeixando êste ligeiro registro, folgamos em afirmar que as «As exéquias de D. Francisco», do Sr. Alarico da Cunha, é uma obra bem traçada, muito interessante e, acima de tudo útil.

E ninguem lhe pode negar, com absoluta isenção de ânimo, e imparcial visão de seu conjunto, um exponencial valor literário.

Forçoso é confessar — o ilustre intelectual acaba de prestar estimáveis serviços á história de seu estado natal.

Recorte..,

A Moderna Literatura Russa

Tôdas as magnas questões literárias e políticas que desde o princípio do século XIX, ou melhor desde os meados do século XVIII vinham sendo debatidas pelos escritores e poetas russos, enchendo o espírito do povo de novas aspirações e ansiedades, —no último decênio do século XIX passaram a segundo plano, criando-se um novo tipo intelectual, de paladinos e adeptos de um ídolo novo. Marx vencia. a social-democracia ganhava terreno.

O velho sistema autocrático parecia inabalável até 1900; segundo disse um arguto observador dos fatos daquela época: "os interesses da burguesia, tanto como os da alta nobreza, dos grandes latifundiários e dos donos de fábricas coincidiam em definitivo com os do governo". Mas sucedia que para essa perfeita coincidência, para tão maravilhosa ordem de coisas entre os felizardos habitantes das esferas elevadas, devia de necessariamente haver um acréscimo de miséria entre os menos afortunados; os mujiques sofriam como nunca e os operários—num país que começava a desenvolver-se de uma maneira incrível industrialmente falando—começaram a impacientar-se ante as curtas prespectivas que viam diante de si, precisamente num momento em que principiavam a interpretar com novos olhos os poemas de Nekrassov e os romances de Gogol, Dostoievski e Tolstoi.

Os dois maiores centros industriais da Rússia—Moscou e Petrogrado — tornavam-se dois vulcões, cujos roncos prenunciadores dos próximos futuros abalos já se faziam ouvir. O primeiro terremoto foi em 1905 e o segundo em 1917. Ambos rebentaram sob um poder catalítico de uma guerra. O primeiro explodiu após a desastrosa guerra russo-japonesa de 1904, o outro abalou o mundo durante a tremenda carnificina de 1914.

Costa Neves (De "O Jornal")

JORNAIS...

ATENEU

Porta-voz do estudante do Ginásio Parnaibano, circulou a 11 dêste mês em edição especial aos festejos comemorativos do 17°. auiverssário do décano educandário de nossa urbe.

JUVENTUDE

Órgão do Ginásio São Luis de Gonzaga, comemorou o dia do estudade com mais um numero; como sempre apresentou-se, nada deixando a desejar.

JOSÉ DE ALENCAR

Órgão da 2a. Série do Ginásio S. Luis de Gonzaga, apareceu pela primeira vez a 11 de Agosto, com boa colaboração e feição material agradável.

A todos os periódicos locais, «O Cálamo» envia os votos de prosperidade e sucesso e junto vem colaborar na elevação do nível intelectual da mocidade.

Êste jornal foi confecionado na

Tip. «Comercial»

Rua Riachuelo, 646

PARNAÍBA

O CAFÉ TORRADO

«NEVES»

é preparado com tanto cuidádo que nenhum outro lhe será igual.

Use sòmente o saborôso Café Torrado

«NEVES»

"O Exército é a Nação que marcha"

(Agamenon Magalhães)

ORAÇÃO
á Força Expedicionária Brasileira

Por MAC ADAM

Quiseram a honra e a dignidade do Brasil que o nosso glorioso Exército tomasse parte ativo no conflito, como protesto pela morte de nossos irmãos, como prova de que o povo brasileiro pede vingança e de que êsse sangue inocente será remido.

Repousando em tradições de feitos valorosos, é mistér que os nossos soldados, cujo desfile e despedida se realizaram no Rio, empreguem todas as forças na tarefa de extinção do nazismo, regime que discorda de nossos princípios humanos e ousou, num ímpeto de crueldade, macular o nosso brio e respeito. E' mistér que os soldados expedicionários demonstrem, sem reserva de sacrifícios, o espírito de coragem, disciplina e fidelidade. Cumpre-lhes responder á agressão de bárbaros assassinos na lamentável e única linguagem por êles compreendida— a do canhão. Cumpre-lhes, sentindo que o solo fecundo, sôbre o qual repousa a nação, nos pertence; que a religião e os costumes constituem um patrimônio sagrado; sob um céu azul que vem osculár a superficie das águas na fimbria do horizonte; contemplando o manto verde das campinas, ouvindo a música das cascatas; emfim, compreendendo que tudo isso é propriedade-- cumpre-nos, acrescento, enquanto o coração pulsar e o sangue fluir nas veías, dedicar a tudo o que for brasileiro um culto de conservação, amor e carinho.

E nos campos de batalha, no ardor da luta, exultantes de entusiasmo, compenetrados da alta missão; nessas horas sublimes e tenebrosas, com a fronte ereta, meditando na responsabilidade e nos destinos da geração vindoura, prontos e decididos, os nossos soldados, fieis a Deus e à Pátria, hão de lançar o brado altissonante de liberdade, até que o anjo da vitória gloriosa e de uma paz duradoura venha pairar, com as asas alvas e distendidas, nos céus da grande pátria brasileira.

O Corpo Expedicionário Brasileiro já está nos campos de batalha, lutando pelos ideiais de liberdade e justiça, ao lado das nações livres contra os inimigos da civilização. Transportando a nossa imaginação para o teatro de guerra, percebemos que muitas vidas queridas estão em perigo. Mas conforta a alma a certeza de que "o sofrimento é o pedestal da felicidade". De que serviria a atitude covarde e infame, quando o inimigo nos invade a casa e bate na nossa face? Qual seria o nosso conceito e distinção, se permanecêssemos indiferentes aos vitupérios e morticínios? Era forçosa e urgante a nossa réplica sobranceira. O Povo e o Exército, acordes, comungam os mesmos sentimentos: ouve-se na Europa e no Brasil o mesmo Hino Nacional, cujas notas vibram no recesso do coração; nos mastros ou na testa dos batalhões, a bandeira augusta expressa em pano as glorias e os anseios. Aproximados pela presença dêsses simbolos, em recíproca compreensão, os soldados cumprem o dever transcendente, ao passo que oramos pela conservação de suas vidas e pedimos a Deus que abençôe a sua justa causa.

O Dia do Soldado

José Plauindio

Na data de hoje memoramos os grandes vultos da Pátria, os nobres cometimentos, os feitos da audácia dos nossos maiores, e, numa integração do verdadeiro sentido de brasilidade, aprendemos a cultuar as tradições, perpetuando as conquistas do nosso valor.

O dia do soldado é a mais digna e a mais excelsa consagração em homenagem ao Duque de Caxias e ao Exército Nacional, cujas armas escreveram na nossa História as páginas mais fulgentes de sua indômita bravura, nas lutas pela nossa soberania, indepedência, unidade nacional; não só pela unidade geográfica mas também, pela unidade política e história, ética e étnica, social e cultural.

E' ainda uma consagração aos «nossos» que se bateram além fronteiras, em holocausto da liberdade politica de outras nações irmãs do continente.

O Brasil melhor não poderia ter nume tutelar do que Caxias. O territorio brasileiro, de norte a sul, êle pacificou com a sua energia; unificou-o, à prova de sua indômita coragem, defendeu-o com a sua bravura em recontros sangrentos; e honrará sempre e ainda com o seu altruístico civismo.

O Exército Brasileiro não pode ser assistido por melhor soldado que Caxias. Sempre que o chamava o dever ao posto dos sacrifícios e a Pátria reclamava os seus serviços, quaisquer que fossem os perigos, os riscos, os inimigos a enfrentar; nunca deixou de a correr perssuroso com dignidade, a firmeza de um guerreiro.

Austero no cumprimento do dever e obrigações militares, rigoroso na observância dos preceitos da disciplina, «que é filha do quartel». A êle poderse-á aplicar o que disse Henrique III ao Duque de Guise: «Êste homem me parece muito maior depois de morto».

No momento atual volvamos os nossos pensamentos para os nossos irmãos — O Corpo Expedicionário, — que estão lutando no velho continente pela causa comum da humanidade: a liberdade.

Reafirmando assim: a honra de nossa Pátria, o seu passado, a lealdade de nossa política internacional, a dignidade com que se mantem no que se refere aos compromissos morais e materiais; servem do mais alto penhor neste momento histórico em que o Brasil foi chamado a se manifestar.

Soldados do Corpo Expedicionário!

Nas vossas mãos estão mais de 8 milhões de quilômetros quadrados — que é o Brasil, — mais de 45 milhões de corações, que são os brasileiros.

E' grande, nessa conjuntura, a vossa responsabilidade. Maior, porém é a vossa força — aldificada no amor de vossas tradições; — a vossa fé — inspirada nos princípios eternos da justiça.

Lutai para defesa do povo de onde saiste, que se orgulha da vossa «verde-olivia», com a bravura nunca desmentida. Lutai com denôdo com tantas vezes vencestes.

Mostrai que a têmpera do carater do soldado brasileiro é rija como diamante, que rebenta das entranhas da terra, nos esparmos da natureza; afirmando o valor do Brasil no concêrto das nações.

O Moço Parlapatão

Há um jornalista, que se diz ter boa veia poética e jornalística. No entanto, êsses predicados nunca apareceram no jornal que êle orgulhosamente assina sob o título de redator.

Até o ano passado, pelo comêço do ano, o ínclito jornalista, vegetava na imensidão do terreno em que vivia com as raizes mergulhadas, porque ainda não tinha aparecido uma oportunidade para apresentar ao público, suas tolices, suas crônicas e seus artigos de reporter analfabeto.

A verdade é tal, que o pseudo-reporter, já disputa um halo, como bem poucos literatos, dignos do nome que as letras assim os deu. Não é que os amigos não tenham conhecimentos suficientes para corrigirem o moço do jornal, mas é que êle parece ter tirado um curso de aperfeiçoamento na arte de bajular, que por esta consideração, deixam-lhe passar os lapsos e as claudicações.

Seus versos, é verdade, são forjados por êle, fôrma que só êle parece que assim obteve porque, quando terminado o plectro de que é dotado, o poeta maníaco, solicita ao mestre, seu confidente, para fazer a correção de seu poema.

A fôrma lá então é outra. O verso que foi apenas em estado de formação literária, volta que parece até um de Camões, Castro Alves ou de um Gonçalves Dias. A transformação é radical. A métrica que era de dez sílabas passa a ser de doze. A rima que era em «ala», passa a ser em "erso".

Na volta do trabalho, às vezes, o próprio autor fica espantado do que escreveu. Não acredita que de um cérebro tão pequeno e sem conhecimentos, sáia um verso que é uma verdadeira obra prima. Tudo vem transformado. O trabalho que o poeta, sentiria vergonha de mostrar a um dos seus amigos e admiradores, com vergonha da crítica e de sua ignorância, depois de correto, êle, orgulhosamente, mandaria até publicar em uma revista de «Academia de Letras».

O pobre rapaz, segundo uns, é maníaco. Não atende aos conselhos dos mestres que o indicam os livros como causa propulsôra para o engrandecimento cultural do homem. Mas o poetastro, nunca ligou aos conselhos dos superiores. Convencido de que já é um intelectual, não liga aos livros. Procurando levar uma vida de boêmio, o poeta entrega-se às libações alcoólicas em vez de procurar o afastamento da sociedade, procura a todo custo, integrá-la para dar maior ênfase e conhecimentos de sua «capacidade intelectual».

Tôdas as tentativas serão inúteis, em justificá-lo, pois que, jamais abriu uma gramática para decorar suas regras, ou um livro de leitura para ler, a não ser de Felisberto de Carvalho.

Justamente por causa dêsses fatos, é que alguns duvidam do talento do rapaz, e com razão, porque sem êsses conhecimentos, não se concebe que um poeta faça versos, um jornalista faça crônicas e reportagens.

Nas letras, dizem alguns, o moço já empunha o cetro. Para ser um literato completo só faltava a oratória. Esta mesma, afirmam os seus, aos poucos êle será um Demóstenes ou um Rui Barbosa.

Mas, o fato é que não encontrou o que desejava, apesar de sua persistência.

As histórias surgem aos montões. O orador, já se considera importante, só em ver seu nome como personagem nas histórias satíricas. Uma das que prova sua modéstia como orador, é esta que contam os céticos: realizava-se uma sessão cívica num ambiente de grande projeção, onde se encontravam os maiores intelectuais da cidade. O «ad-hoc», que era um dos oradores para falar perante as autoridades, penetra no ambiente, levando na mão, umas duas ou três folhas de papel do discurso. Antes do que se esperava, o rapaz retirava-se da sala de oratória. Chegando fora do recinto, diz êle para algumas pessoas: «NÃO FALO MAIS POR ESCRITO. O MESTRE TAL, (e disse o nome do professor) TEM A LETRA TÃO RUIM QUE NÃO ENTENDE-SE NADA. AGORA SÓ FALAREI DE IMPROVISO». E enquanto isso, as palmas soavam e a música saudava o orador infortunado.

Desde êste dia que o novo orador, não falou mais, a não ser de improviso.

IPÊ

PÊSO

não é argumento, principalmente em se tratando de sabão. SABÃO MORAIS

ESPECIAL não contem materias extranhas para dar peso, tais como, Tabatinga, Kaolin ou Silicato, materias que não têm propriedade de lavar

FABRICANTES: Morais & Cia.

"Casa Manoel Branco"

— DE —

Simplicio de Oliveira

VÉNDE:

Estivas — bebidas — armarinhos e generos alimenticios

Praça da Bandeira, 1006

FONE - 118 — TELEGRAMA "BRANCO"

PARNAÍBA — PIAUÍ

Literatura de todos os tempos

O Rio das Garças

Da Costa e Silva

"Na verde catedral da floresta, num côro
triste de canto—chão, pelas naves da mata,
Desde um rio a chorar o seu perpétuo chôro,
E o amplo e fluído lençol de lágrimas desata.

Caudaloso a rolar, desde o seu nascedouro,
Num rumor de orações no silencio da oblata,
Ao sol—lembra um rocal todo irisado de ouro,
ao luar—rendas de luz com vidrilhos de prata.

Alvas garças a piar arrepiadas de frío,
Seguem, de absorto olhar, a vitre correnteza
Pendem ramos em flôr sôbre o espelho do rio...

É o Parnaíba assim, carpindo as sus maguas
—Rio de minha terra, ungindo de tristeza,
Refletindo o meu sêr, á flôr móvel das aguas".

A Órfã

Uchoa de Meneses

Que tímida criança abandonada
Tendo no rosto a falta de carinho;
Afagos de uma mãe idolatrada,
Sempre a beijar-lhe no calor do ninho! . . .

No abandono, parece um passarinho
Na ramagem da dor, sem alvorada,
Com saudade do berço, tão sózinho,
Contemplando sómente a longa estrada.

Essa estrada da vida sem ternura,
Que lhe ficou sem luz... sem pergaminhos,
Para lhe encher apenas de amarguras.

Pois sem beijos de mãe, sem liberdade,
Seu coração só encontrará carinhos,
Quando talvez chegar a eternidade.

OLHOS!

ANTONIO CHAVES

Olhos!—minusculos sóes ardendo magestosos e emanando, do seu brilho resplendente, sonhos de felicidades, inspirações e belezas...

Olhos!—existem pretos, azuis, turquezados, verde-negros, gitanos, amarelos, castanhos... Cheios de lágrimas ou de alegrias, turvos ou límpidos, penetrativos ou cogitantes, escrutadores ou vagos, indecisos ou errantes, torvos, franzidos, rasgados, os olhos, que trazem em si toda a limpidez dos espelhos da alma, tudo exprimem, desde o olhar sereno de Jesús, cravado nas profundezas do céu, na angústia do desamparo, até a guinada reverberante de Satanaz, transfigurado na florescencia dos encantos, das graças e das seduções de certas almas femininas.

Os olhos pedem e dão, falam e cantam, riem e choram, soluçam, gritam...

Uns traduzem a saudade nas olheiras, nas manchas lívidas, nas órbitas orladas de rôxo, onde se curtem as grandes dôres; outros relembram as noites de insonia, noites de vigilias crucis, intermináveis, noites que apavoram, que torturam, que acovardam, porque trazem comsigo a dôr, o silencio, o esquecimento, o abandono.

(Cont. na 8a. página)

A Canção do Amôr

ALARICO DA CUNHA

(Da Academia Piauíense de Letras)

Homem, Filho de Deus,
Em cuja Vida o Entendimento encerra!
Unico sêr criado sôbre a terra
Munido de razão, de inteligência,
Capaz de admirar com sapiência,
Com raciocínio, engenho e sutileza,
Todo o imenso poder, toda a imensa beleza
Lançada pela mão da Onipotência...

—Tú és o Espelho baço, de fulgôr latente,
O Diamante bruto a lapidar-se em puro;
O teu passado impôs o teu viver presente
E êste Presente agora imprime o teu Futuro.

De ti somente é que depende seres
O filho da Tristeza, ou o filho dos Prazeres,
O pária, o rufião dos lupanares
Ou o santo venerado dos altares;
Sensato ou vário,
Ignorante ou sábio,
Mendigo ou milionário...

Foge do negro vício esmaga a crueldade
Do teu nefando instinto e do teu coração;
Prepara os dias teus para a imortal Verdade,
Para a Justíça, a Paz e para a Compaixão!

Vê uma face só, sem curvas, sem reversos,
No medalhão da Vida,
Onde o Sêr Infinito, em constelados versos,
De estrelas cintilantes,
E em surtos radiantes,
Escreve, com divina e ultra inspiração,
O poema divinal do Sêr e do Não-Sér,
A Epopéia matriz de toda a creação

E assim perceberás quanto é risonha a Vida,
Quanto é sublime o Amôr, quanto é grande a Moral;
Encontrarás um irmão em cada sêr vivente,
Em cada folha sêca — um perfume excelente,
Em cada pedra bruta — o brilho do cristal!

Já não perdôas mais, por te não mais ferir
Nenhuma ofensa vil ao coração perfeito;
A presença de Deus virás então fruir,
Tendo o Reino dos Céus dentro do próprio peito!

Nêsse eternal Festim; nessa triunfante Bôda,
Contempla, Homem sem fé — a Eternidade toda!...

Parnaíba

MAC ADAM

Nome tão doce, tão caro e belo, que nos traz evocações sublimes, pronunciado pelos nossos avós e a nós ensinado, nome da terra natal, pedaço de nossa alma, elo de união ao passado, que escrevemos nas cartas e guardamos nos corações,—Parnaíba, perdesse a cidade êste nome, seria um rude golpe, Assim como o hino nacional ecoa em todos os recantos do país, encorajando os heróis ao cumprimento do dever, expressando nas notas a grandeza de um pretérito, a reafirmação de um presente e a segurança de um porvir ainda maior; também Parnaíba ecoa na mente de seus filhos como um canto de vitória, animando para a luta, pela herança de tradições e estimulo para novas ascenções.

Quando o Astro-Rei, levantando-se no horizonte, lança os primeiros raios, anunciando o dia, despertando os homens para o trabalho, espalhando nos céus a claridade, sôbre a cidade energia e riqueza, a vida recomeça o rítimo, após o descanço da noite. Então, assomando-se á praça, recebendo o Sol em cheio no rosto, fonte da existencia, respirando o ar puro da manhã, que nos enche os pulmões; avistando a figura magestosa das palmeiras e a verdejante grama; emquanto os operários se dirigem ás fábricas, os comerciantes aos escritórios, as crianças e os moços, com passo célere, garbosos, ás escolas; então repito—é nessa hora de alvorada que se vê o esplendor de nossa terra, formosa pelos encantos da natureza e pela operosidade de seu povo.

Lembro-me bem de Parnaíba, quando, nos tempos de menino, ao toque do sino, chamando os fieis, no silêncio da madrugada, o frio encolhendo os ombros! passavam anciãos, mulheres e crianças, indo cumprir a obrigação, ouvir a palavra de Deus através de seus ministros e receber o perdão de suas culpas. E, na mesma praça, onde a civilização não penetrara. cheia de arvores, as aves pousadas nos galhos, entoando gorgeios, como se fossem orações em louvor a Deus, embelezavam o ambiente com policromia e música. Um dia, o homem, sem piedade, decepou as árvores e roubou o ninho de inocentes criaturas, que, sem dúvida, choraram a falta daquela morada. Sem aquelas árvores e os pássaros, Parnaiba, perdeu muito de seu deslumbramento, que se relembra com prazer e não se pode ver mais.

Cidade vanguardeira de grandes empreendimentos não se inclina ante as dificuldades. Trabalhando e progredindo, impõe-se como amiga da justiça e da ordem. Com o suor do seu próprio rosto, é uma cidade genuina, fruto do amor e perseverança dos parnaíbanos. Em seu seio acolhe as ideias generosas, e sempre soube coroar de êxitos os seus esforços. Com a fronte erguida, segue avante seu destino glorioso, eterna na gratidão do Brasil, no progresso do Piauí, e reconhecida aos filhos devotados.

Pode-se avaliar o quanto se quer a terra natal, quando a distância nos separa do seu convívio. Em terras extranhas, á semelhança de um noivo sincero, não há lugar para outra afeição. Todas as novas relações de amizade são efêmeras, passageiras. Feitas por mero convencionalismo, nada teem de original. As cousas e as pessoas só afetam a vista, mas não tocam o coração. No turbilhão das ruas, por entre a multidão infrene e heterogênea, sob o estridulo dos veículos, sentindo-nos como numa ilha deserta, e que paradoxo! E' que as cidades grandes diminuem os individuos, escasseiam os laços sociais, Eis por que, embora com tanta gente ao redor, invade-nos essa sensação de isolamento. Quando aos olhos aparece algum conhecido, conseguimos sair daquele anonimato doloroso.

Em vez da vida agitada dos grandes centros, onde os valores naturais se aniquilam estimo a beleza sem ostentação e a quietude dos lugares simples. Porisso, aumentavam em mim a saudade e a admiração pelo "ninho antigo". Nos momentos de recolhimento e solidão, nas horas caladas e sombrias do anoitecer, eu te revia em pensamento, Parnaíba, a minha vida recompondo, e nesse religioso enlêvo, baixava as palpebras, em sonhos transportava-me ao teu regaço materno, até que a realidade me roubasse aquela querida e fugitiva ilusão!

Material Fotografico

Chapas Iiford 9x12 e 13x18

Papeis Industro e Halobrome

Freire & Cia.

Rua duque de Caxias, 622

Parnaiba - Piauí

LOJAS RIANIL

RIO AMAZONAS PARÁ MARANHÃO PIAUÍ CEARÁ

ABREU & REGO

TECIDOS EM GERAL

Vendas a grosso e a retalho

Telegr.: "ABREGO" — Caixa Postal, n. 2.236

RUA GENERAL CAMARA, N. 141

RIO DE JANEIRO

RIANIL

Vendendo barato, cêdo se impoz no conceito de sua seleta freguesia. Faça sempre em suas compras em RIANIL, e tenha certeza de que está comprando pelo menor preço da praça, numa casa diga de sua confiança. Faça sem compromisso uma visita á

RIANIL

Praça Coronel Jonas n. 998

Piauí

Parnaiba

FILIAIS:

Amazonas
Manaus

Pará
Belém

Maranhão
S. Luiz (2)
Caxias
Codó
S. Bento
Bacabal
Pedreiras

Piauí
Teresina (2)
Parnaíba
Floriano

Ceará
Fortaleza

Português e Tupi

Minha terra tem palmeiras
Che retama orecó pindoetá

Onde canta o sabiá
Máme onheengar çobiá

As aves que aqui gorgeiam
Guirá ikê onheengarebaê

Não gorgeiam como lá.
Nonheengári apé yabé.

CONTO

Romance na Pedra do Sal

Por PORTELA CHAVES

Em época remota, quando a navegação era ainda a vela boiando nas ondas á mercê dos ventos e dirigida por leme frág'l que o marinheiro movimentava com cuidado, via-se sempre ao alvorecer do dia um pequeno barco de velas enfunadas a balouçar-se preguiçosamente sôbre o mar revolto da gigantesca e deslumbrante Pedra do Sal.

Como tripulantes e donos dêste mimoso barco estavam Raul e Ruth amigos de infância que amavam o mar e as ondas como parte integrante de suas vidas. Em convivio cotidiano não tinham compreendido o grande amôr que mutuamente se dedicavam.

Aos primeiros albores, buscavam-se automaticamente e por sôbre as ondas dirigiam seu barco, conversando amigàvelmente. Mas com tôda ventura tem vida efêmera, esta não poderia fugir á regra.

Raul, já em pleno esplendor de sua virilidade, desejou conhecer a imensidão do oceano e os centros civilizados. Alto, moreno e inteligente dirigiu-se ao comandante de um barco que havia ancorado ai e comprou uma passagem com destino a Pernambuco. Comunicou aos pais sua resolução, da qual êstes não tentaram dissuadir.

Raul satisfeito, esperou ansiosamente o dia para comunicar a amiga a viagem e apresentar lhe as despedidas; mas uma tristeza profunda lhe invadia a alma viril, á medida que se aproximava a hora desejada. Quando êste se aproximou da praia Ruth despreocupadamente brincava sôbre a areia e avistando-o avançou ao seu encontro. Com os cabelos em desalinho a cair em negra cascata sôbre os ombros Ruth inclinou-se perto do amigo e seu coração feminino teve a primeira intuição de algo que lhe ia ferir a alma juvenil.

Sua voz jovial prendeu-se na garganta, seus pequenos pés fixaram-se na areia e o coração pulsou-lhe descompassadamente.

—Conta-me Rául. Disse ela meigamente.

—Vou embora, Embarcarei, agora mesmo, nêste grande barco que aí vês. Era porém impossivel manter-se sereno, quando uma angústia profunda se estampava no angélico rosto de Ruth. Raul continuou, já com voz insegura: Tenho de partir, minha amiga. Comprei a passagem e irei ganhar muito dinheiro para vir buscar-te... Não te esquecerei e tua lembrança me ajudará a vencer na vida.

Ficarei só, sem a tua amizade insubstituivel!.. Raul.

Êste beijou a fria e débil mão da amiga e sem mais demora dirigiu-se para o barco que o esperava.

x x x

Dois longos anos se passaram sem que uma notícia sequer viesse esclarecer á meiga Ruth se Raul ainda vivia e se a sua lembrança continuava viva no coração entusiasta do jovem. Ela não o esquecia, porém, jovem e bela, era sensível aos galanteios de outros rapazes, conterrâneos ou viajantes portuguêses vindos a esta terra em busca da riqueza. Dentre êstes Fernando era o mais assiduo, e levado pela cativante beleza de Ruth pediu-a em casamento. Pertencente a alta sociedade portuguêsa foi aceito o pedido, com justa satisfação, pelos pais.

Raul durante êste tempo trabalhara com vigôr e conseguira o que desejava: comprar um barco e voltar a sua terra para levar consigo, sua inesquecível Ruth. Cheio de esperanças voltou e buscou o lar paterno, se bem que desejasse antes rever a doce amiga que tanto amava.

Em casa foi sabedor do noivado de Ruth e como um ébrio buscou o feliz rival. Desejava esmagá-lo contanto que punisse o crime de lhe haver roubado a amada.

O acaso o favoreceu, pois ao sair de casa avistou a distância Ruth em companhia de um cavalheiro. Por isso odiou-o ainda mais. A medida que se aproximava do par nada via, tal era seu desespero. Ao reconhecer naquele rancoroso hércules o homem que ainda amava, adivinhando-lhe o sofrimento, encheu-se de coragem e desprendendo-se do braço do noivo, correu ao encontro do jovem.

—Raul! Voltaste enfim, e aqui me tens, tua amiga e companheira! Êste, envolveu-a num carinhoso amplexo e como se despertasse de um terrivel pesadelo olhou em derredor, deparando, com o rival que profundamente ferido via seus sonhos desfeitos e sua noiva arrebatada por outro.

—Queria mata-lo, disse Raul á noiva; mas êste sofrimento infligido pelo teu desprêso e a minha vitoria é demais para êste jovem que também te ama.

—Sim, êle é digno de piedade se é que me ama como te amo.

—Partamos desta terra, minha Ruth, onde tanto sofri, numa hora de tormento. Vamos viver sôbre as aguas do Atlântico que serão testemunha de nosso amor.

x x x

Fernando voltou para suá terra, triste e macambúsio, e o casal enamorado cortou as águas, rumo á imensidão oceânica.

Sempre era visto pelos navegantes, um barco que noite e dia boiava sôbre as vagas rutilantes, envolto no véu prateado das ondas.

A Saúde do Homem

E' um tônico masculino de qualidades reconhecidas por todos aqueles que dêle se tem utilisado para reconquistar as energias perdidas num caso de debilidade... Se um grande desanimo o assaltar... Se estiver muito triste e desinteressado pela vida...

Lembre-se que existe

A Saúde do Homem

Produto do Laboratório da FARMÁCIA SANTO ANTONIO

do Farmaceutico OTHON MÉLO

Modernamento instalada, com um variadissimo sortimento de Drogas e especialidades farmaceuticas em geral

Á Praça Cel. Jonas, N. 956 — Parnaiba - Piauí

Para comprar "A SAÚDE DA HOMEM", para comprar qualquer remedio, para aviar qualquer recéita, não esqueça: — "Farmácia Santo Antonio" é e será sempre a sua "Farmacia em Parnaiba"

PRAÇA CEL. JONAS, 955 — TELEFONE 116

O ANTENOR

É o Café-Bar e Restaurante de sua preferencia

quer pela solicitude dispensada a todos que o frequentam
quer pelo confôrto que se possa exigir.

Mantém ainda uma secção de snooker

O ANTENOR

Praça da Graça, 642 — Fone 177

PARNAÍBA — PIAUÍ

Alguns jornais brasileiros, de 1820 a 1840:

A Gazêta do Rio de Janeiro (fundada em 1808), Diário do Govêrno, Revérbero Constitucional Fluminense, O Regulador, O Tamoyo, A Sentinela, A Malagueta, Correio do Rio de Janeiro, Aurora Fluminense (Dezembro de 1827), Raio de Jupiter, O Independente, A Astréa, Nova Luz Brasileira, O Exaltado, Jurujuba, O Republico, Diário, Trombeta, Arca de Noé, O Caramurù, Pedro I — no Rio de Janeiro; Typhis Pernambucano e A Bussola — em Pernambuco; Eco da Liberdade e A Sentinela—na Bahia; Observador Constitucional—em S. Paulo; Recopilador Liberal—no RioGrande do Sul.

COISAS
que entoxicam a nossa vida

Por SEDITH

Nesta época das dificuldades a luta pela vida é encarniçada.

O trabalho divorcia-se do seu paralelo indo se casar á velocidade. Os faróis que, para que se prescurtasse o saber, alumiavam os píncaros da glória, foram apagados pela vilania do provérbio latino: — pecunnia motor est. A religião, embora seja por inocência do ofensor, é ofendida pela tese do tierema da presente vida: — obtem-se o máximo, usando-se o mínimo.

Amar ao próximo!... Amar a Deus!... São coisas fora da moda, diz a parte inconciente.

O homem não se confórma em ter como confôrto a fé; em adorar sôbre tôdas as coisas um sêr que nunca viu; em obter pela mortificação do côrpo o céu para o espírito. Satanicamente, êle diz: a minha fé está no confôrto que me oferece o dinheiro; eu adoro o meu próprio eu; eu só concebo a felicidade da alma na satisfação da carne.

O perdão, então, é que a totalidade ignora. Até mesmo as luvas de sêda com que, até a pouco, armavam-se os educados, foram totalmente substituidas pelas luvas de box.

A inveja é a mais escabrosa, se êste ultrapassar aquele por uma virtude ou posto social, aquele adverte: o mundo dos ruins; os inescrupulosos, os que roubam é que sobem.

Até mesmo, a filosofia moderna, quando devia ser amiga da sabedoria, é um verdadeiro tóxico à vida moça. Seus dógmas mal interpretados juntamente à velocidade exigida pela época, arman de u'a maneira extraordinária o espírito do moço inexperiente... E o rapazinho corre... corre... vai parando... anda... finalmente cansa...

Olhos!

(Continuação da 5a. página)

Uns retratam o ciume, que mata, porque neles coriscа a raiva, transverbera a cólera, deita chispas de fogo o despeito; outros são languidos, tristes, quebrados, demasiado em dôce ternurá, como a despedirem de si um mundo de melancolia.

Uns vivem sempre em ixtase profundo, na mística atitude dos olhos das santas, como a escutar baixinho a linguagem mística do infinito; outros são cismadôres, envolvidos numa sonolência doentia, compridos e quêdos, cravados eternamente num horizonte sem termo.

E os olhos da fome, e os olhos da sêde, sumidos e desmaiados, de onde se apagaram todos os prazeres, todo o gôsto pela vida?..

E os olhos dos cégos, desmesuradamente abertos, como a procurar a luz que lhes fugiu, olhos inconsoláveis, que trazem, nas retinas apagadas, a reminiscencia das estrêlas e do deslumbramento do sol?...

Olhos! —como são variados os seus olhares! Existem os que são francos, os que são puros, os que são bem diferentes dos olhares vesgos, atravessados, resabiados, zainos, falsos, maus, traidôres invejosos, mordazes, repelentes, cheios de quebranto, de malicias e maldades.

Olhos, que grande misterio existe nos vossos olhares!...

A melhor Pasta Dentifrícia

É

SYNOROL

LIMPA - CLAREA - CONSERVA OS DENTES

AGENTES:

J. V. SILVA & Cia.

Paiva, Fortes & Cia.

Avenida Presidente Getúlio Vargas, 282

Endereço Telegr. "FRIEGUIAR"

Parnaiba — Piaui

Representações — Séguros — Cobranças — Despachos e Reembarques — Contra Própria

Mantêm um estoque completo de artigos de estivas e outras mercadorias.

Que vendem a preços reduzidissimos.

Benjamim, teus cégos querem te vêr . . .

(JOSÉ DO PATROCINIO)

. . . Sim, porque os cégos vêm sentem, têm alma e ouvem. Cégo, porém, é aquêle que não vê as oportunidades que lhe oferece, para ficar rico, a

LOTERIA FEDERAL DO BRASIL

Sorteio ás Quartas e aos Sabados

Premios maiores de 400 mil a cinco milhões de cruzeiros

Benedicto dos Santos Lima

Agente — Representante

Telefone - 152 -- Telegr. BEMBEM -- Caixa Postal, 8

652—Rua Duque de Caxias—652 — Estado do Piauí - PARNAIBA

Pensamentos...

FOME, desconfiô sordicie, por tudo passam os tos miseráveis avarentos pa amar, fruir apaixonadamen a anulação dos haveres, q lhes desperta grande volú verdadeiro gozo estranho, p sitivamente mórbido.

Prof. A. Austregesi

A liberdade é tão bôa a gente se sente quasi f mesmo quando se liberta felicidade.

Humberto de Cam

Lembra-te...

Naqueles terriveis anos, entre 1789 e 1793, anos terriveis que determinaram a mudança de um regimem secular, e a queda de milhares de cabeças ilustres no cesto do sinistro aparelho do dr. Guilhotin, que a verve do poeta Suleau batisara com o nome de guilhotina, o fraco e religiosissimo Luiz XVI e a orgulhosa Maria Antonieta não temiam tanto as vagas humanas comandadas por Marat e Angouleme, ou por outros apaniguados da revolução, quanto as procissões de milhares e milhares de mulheres, sujas, esfarrapadas, armadas de mil e uns instrumentos ofensivos, sem contar as pistolas e os canhões, e eram comandadas por uma Madalena de Chambry ou pela endiabrada e bela inglesa Theroing de Merincourt.

Diz o aforisma que "com fogo não se brinca". Porém, mais acertadamente se diria que "com mulher não se brinca". Não são raras as vezes em que a mulher é mais perigosa que o fogo. As feridas que ela faz não cicatrizam. Aumentam. Multiplicam-se. A's vezes até, matam. Escudada na fragilidade do sexo, insulta, espezinha, ataca, e quando nota que alguem se está esquecendo da sua fraqueza, abre os labios, mostra os dentes num sorrizo de inocencia e astucia, ou, com a facilidade que lhe é propria, faz lágrimas correrem pelas faces e pronto!.. Um sorrizo e uma lágrima de mulher, duas armas que vencem o mais forte dos homens. E assim, as Evas vivem, consias da sua impunibilidade, fazendo as maiores loucuras atravez dos tempos.

Estas considerações, porém, estão sendo feitas, por me ter vindo á lembrança o caso de um levante feminino, no velho e querido Portugal, no tempo do conde de Thomar e da celebrizada Maria da Fonte, quando aquele era cabeça do ministério de Sua Magestade D. Maria II, filha idolatrada do nosso muito prezado D. Pedro I, e a outra, a chama que conservava o ardor das revolucionarias. Uma especie de Madame Roland, ditando em Paris, as normas de revolução. Maria da Fonte, em sua hospedaria, em Povôa. Madame Roland, numa pequena sala de outra hospedaria, na capital do pensamento humano. A francesa, em 1792, a portugueza, anos depois, em 1864.

Refiro-me à revolução denominada "Maria da Fonte", que teve por causa uma simples questão de tradições, aproveitada depois pelos partidos politicos, em prol de suas ambições. Proibiu-se de se fazerem enterramento dentro das Igrejas, com o que não se conformaram as mulheres, e elas mesmas—concientes da força e impunidade que lhes dava a fragilidade do sexo—arrancavam os cadaveres, ainda fresquinhos, das mãos dos curas, para enterra-los, com toda pompa de um acompanhamento triunfal, no adro do Templo. Certo dia foram elas buscar o cadaver de uma tal Custodia Tereza, e aos gritos de viva à religião, abaixo as novas leis e vivam as velhas, em bôa custodia levaram a difunta para o Templo, lá sepultando-a.

Mas as ilustres autoridades portuguêsas houveram por bem pôr cobro, de logo, ás valentias e desmandos das tradicionalistas, e outro meio melhor não acharam que levar para a prisão um certo numero delas, para castigo e exemplo. E três se viram de pronto com os costados nas grades da cadeia de Lanhoso.

No auge de uma insurreição, porém, qualquer medida da autoridade para combate-la, é considerada um insulto á dignidade dos revolucionarios, vindo daí maiores danos e peiores represalias. Assim é que no dia seguinte, a despeito de comparecerem trezentas e poucas mulheres ao tribunal, para ajuste de contas, elas acharam depois, muita condescendencia em si proprias, em atendendo e respondendo áqueles que lhes impunham medidas e prendiam companheiras, do que veio imediatamente a reação, que não se limitou a simples vaia ou apupos, ao juiz, ao escrivão e aos outros oficiais de justiça, indo muito além. A's vias de fato. Os chuços, os cacêtes, as foices e outras armas deste jaez se levantaram em desmedida fôrça de ataque, pondo em debandada fuga os representantes da lei, aos quais, de nada lhes valeu a velocidade das pernas, porque as revolucionarias, aumentadas aos milhares pelo rebate dos sinos, lhes foram ao encalço, brandindo-lhes nas costas pauladas de cego, que elas jamais pensarão em dar, nem eles em receber. Em seguida as tradicionalisas arrancaram em triunfo as prisioneiras de Lanhoso, que se queixaram amargamente de não ter participado da corrida aos juizes.

O mais interessante, porem aconteceu durante a perseguição ao magistrado e seus oficiais. Uma das tradicionalistas levou tão longe o zelo da causa e a vingança das companheiras presas, que não satisfeita com uma pausada muito bem dirigida ao lombo do juiz, gritou-lhe, com uma expressão feroz de cobra assanhada; –

—Recorda-te da padeira de Aljubarrotal...

x x x

Na verdade, devemos ter sempre na lembrança, que "com mulher não se brinca"... A mulher é fogo...

TH.

A felicidade nasce como a rosa dos espinhos e do trabalho.

ASHLEY'S GIN
COGNAC TIPO PORTUGUEZ ASHLEY
MOLHO TIPO INGLÊS ASHLEY

Três produtos de classe para gente de bom gôsto.

ASHLEY — a marca que domina do Rio Grande ao Pará, do Amazonas ao Prata

Encontram-se á venda nesta cidade e em Teresina, nos principaes estabelecimentos do gênero.

Deixemos de léro-léro.

Digam conôsco: Ashley's Gin é que eu quero...

Para quaisquer informações, dirijam-se á

SEPIAUÍ

PARNAÍBA - TERESINA

Poncion Rodrigues & Cia. Ltda.

End. Telegr.: VANGUARDA

Representações — Consignações e Conta Propria

BENEFICIAMENTO DE ARROZ

MATRIZ:
Av. Pres. Getúlio Vargas, 145
Caixa Postal; 12
PARNAIBA

FILIAL:
Rua Sen. Th. Pacheco, 997
Caixa Postal, 50
TERESINA

Piauí - Brasil

Glória a Chopin

JOsé Piauindio

Uma das mais lídimas glórias da música universal, era polonês e o mais distinto entre os «seus», pela expressão fidalga e austera que manifestavam os seus sentimentos patrióticos.

Gênio a transformar acordes em suaves encantamentos, fez de sua lira um hino de magia pelos seus compatrícios, um hino de magia pela sua Polônia.

Foi e continúa a ser o cavaleiro andante do protesto contra os que quiseram, julgaram subjulgar a sua pátria.

A sua música traduz, evoca e reverte um pensamento perene de uma Polônia que èpicamente, heroicamente, através de mil vicissitudes, sob o pêso de botas invasoras, durante centenas de anos se há conservado unida e integrada; sossobrando incólume com sua língua, sua religião e seu sentimento nacionalista.

E, quando há quatro anos foi assaltada pelas hordas invasoras nazis, aviões, tanks, canhões, metralhadoras foram semeando a morte por tôda a gleba polaca e lavando a terra com sangue de herois, — que é sementeira bendita capaz de germinar e brolhar as legiões de bravos.

Os «superhomens» nada pouparam para total destruição do país eslavo, e talvez á imitação e parodiando ao imperador romano, cunhassem algum «Marco» sôbre a destruição da língua, da religião e vidas polonêsas.

As melodias de Chopin também tiveram o seu voto de proibição. O poder da arte superpassa ao poder da fôrça dos tanks; nas horas magnas das opressões, sob o acicate dos algozes da gestapo, e sem que executassem os acórdes de seu maravilhoso poeta dos sons, os poloneses, ouviam e evocavam as suas sonatas, revigorando e fundindo no cadinho de seus corações, ao sôpro mágico das harmonias da «Polonesa», com êstes princípios básicos de sã nacionalismo, para na hora presente lutar com um mundo livre e consequentemente melhor, por uma paz duradoura firmada nos sagrados pricípios: Liberdade, Justiça e Humanidade.

«Poeta do piano, os sonhos e glórias de sua existência depô-los no altar da pátria, que amou com tôda a pujança de sua delicada emoção».

A sua vida e sua arte eram tôdas para o seu torrão natal, mesmo depois de morto para lá foi seu coração.

Permanecendo até quando os bombardeios da Luftwaffe,—nas suas missões de coveiros da civilização européia,—destruiram a matriz de Santa-Cruz, em Varsóvia, apagando a silhuêta do artista, mas ficaram as suas melodias para maior testemunho do poder eterno da Polônia.

Hoje que ela vem surgindo, e, em futuro próximo soar a hora do triunfo, realizar-se-ão as esperanças do genial Frederico Francisco Chopin aparecerão os aviões, os tanks, os canhões, as metralhadoras, os fusis, os herois guerreiros, encobertos entre as flores de sua música, conseguindo a vitória secular cristalindo os sonhos do artista.

Guarita da liberdade, imortal terra eslava, ao contato do panteismo sonhador dos espíritos latino, a Polônia, com a música de Chopin, irradiou a inspiração e a idealização de sua alma romântica, além de suas fronteiras, além dos limites da Europa, inspirada e levada pela sua vocação épica, tranformou-se no próprio poema de liberdade.

Quando a Sorte *Sorri* . . .

É excusado pensar no futuro, tudo dá certo. Mas a sorte é cega e não sabe para quem sorrí. Não confie na sorte: se quer ter a certeza de oferecer um bom pecúlio aos seus caros, ou se deseja precaver-se contra eventuais dificuldades na idade avançada, adquira títulos da Prudência Capitalização; suas economias mutiplicam-se, matemáticamente, independente da sorte. Procure pois, conhecer os planos da Prudência Capitalização, nas suas reais e garantias sólidas legais e absolutas.

Prudência Capitalização

LOJA DO LEÃO

DE

Antônio Tomaz da Costa

Telefone - 195 Telegrama: TOMAZ

PARNAÍBA — PRAÇA CEL. JONAS, 881 — PIAUÍ

Depósitos: — de tecidos e mercadoria em geral
Secções: — de vendas a grosso e a retalho

Completo sortimento em: calçados, chapéus, rêdes, louças, vidros, tintas, perfumarias, óleo de Peroba por 4,oo em vidro, Creme Sanáitrio 4,oo em vidro, óleo Pindorama, que faz os cabelos voltar a sua côr natural, aparelhos e laminas Gillett, etc.

Vendedor do afamado Cimento "Votoran"

O amigo procura comprar Barato ?

Pois vá sem demora, «a Loja do Leão», que como sempre, vence a carestia

A Mãe do Leproso

B. SOARES

Relanciei a vista sôbre a pequena choupana abandonada que se ergue em irente á minha casa, e se estampou na retina dos meus olhos, o acontecimento tétrico, quasi fúnebre, que ali presenciara, há dois anos atrás.

Aquele casebre de portas cerradas, lúgubre e solitário, sôbre cujas palhas cobertas de areia, medram musgos, fôra testemunha de um dêsses fatos que raramente se dão, e constituem aquilo que se chama uma fatalidade do destino.

Conheci de perto o velhinho de corpo curvado e cabeça branca como a neve, em cuja face enrugada pela velhice, sempre transparecia um sorriso de alegria. Era êle empregado público há muitos anos, casado com uma mulher ainda jovem. Dêsse cônjugo nascera um garoto forte e sadio, que era a alegria e satisfação do casal. Durante muitos anos habitaram no velho casebre, onde viviam felizes, apezar de pobres.

Certo dia, o ancião chegou em casa acabrunhado e melancólico, os olhos anuviados, os músculos das faces rígidos como pedra. O motivo da sua tristeza era justo. O govêrno resolvera transferí-lo para uma cidade no sul do Estado, e assim era obrigado a deixar o seu lar, onde tranquilamente vivia em companhia da esposa e do filho. No dia seguinte a casinha amanheceu fechada, o velho havia partido afim de cumprir as ordens do govêrno.

x x x

Passaram-se os anos. Era uma dessas tardes soturnas e friorentas de fim de inverno. Choviscava; o frio cortante fazia a gente tiritar. O sol ainda estava alto, mas encoberto pela espessa camada de nuvens, fazia crêr que a noite já se aproximava. Despertei pelo rangir de uma chave na fechadura de uma porta. Levantei a cabeça e os meus olhos foram de encontro a dois vultos enlutados, que procuravam abrir a choupana há tantas anos fechada. Procurei na memória se na visinhança havia alguem de luto. Subitamente reconheci naquela mulher de preto, a esposa do velhinho funcionário público. Que teria acontecido? Qual seria o motivo da presença daquela senhora áquela hora, e qual a causa daquela endumentaria preta?

No dia seguinte chegou ao meu conhecimento o infortúnio da desventurada mulher. O seu velho esposo, já alquebrado pela idade, e com o choque da transferência falecera em plena rua, de um colapso cardíaco. Desamparada e sem recursos, a infeliz viúva, em companhia do seu estimado filho, buscam o torrão natal.

Os vestígios do seu sofrimento estavam estampados na sua face cadavériea. Não era mais aquela de outrora, e sim um espetro do passado. Internou se na velha choupana, e ninguem não mais lhe viu sair. Entretanto, não era completa a sua tristeza, o seu coração amargurado não estava de todo petrificado, ainda alimentava uma parcela de alegria, que votava ao jovem filho, a sua única esperança e arrimo, aquele que lhe dava o pão cotidiano, lhe amenizava a dôr do coração confrangido. De fato o jovem que eu conhecera criança, era o esteio e garantia de sua mãe.

Mas o destino mudara a face das cousas. Não se contentara em roubar-lhe, apenas, o marido, queria também, roubar-lhe o filho, deixá-la completamente abandonada, entregue ao mundo, que o sofrimento e a miséria reduzissem-na ao pó, de onde proviera.

Obrigado pela necessidade o rapazinho saiu á procura de uma colocação. Andou em diversas firmas comerciais, sem nada conseguir; já desanimado entrou em uma loja e pediu um

(cont. na página 12ª)

ALIANÇA DA BAHIA
CAPITALIZAÇÃO S. A.

COMPANHIA BRASILEIRA PARA INCENTIVAR O DESENVOLVIMENTO DA ECONOMIA
SEDE SOCIAL: BAHIA CAPITAL SUBSCRIPTO: 2.000:000$000
CAPITAL REALIZADO 600:000$000

Amortização de Julho de 1944

13.391 08.576 06.500 03.945 18.817

RELAÇÃO DOS TITULOS CONTEMPLADOS

Amortizados com 60 mil cruzeiros

Sr. Germano Holzhausen—Assis—São Paulo, sr. Edesio Soares de Lima—Campinas—São Paulo—(Liberado)

Amortizados com 30 mil cruzeiros

Sr. Tito Martins Camargo—Rosario—Rio Grande do Sul, sr. Carlos C. Caldas, p.s. esposa Carmem—Salvador—Bahia—(Liberado), srs. Daniel Rodrigues & Cia., Ltda.—Recife—Pernambuco (Liberado)

Amortizados com 24 mil cruzeiros

D. Maria Helena Carvalhal de Oliveira—São Paulo—São Paulo, sr. Vicente Lorenzo Paciello—Livramento—Rio Grande do Sul, sr. Antonio Dias, p.s.f. Alice—Araçatuba—São Paulo, sr. Jovino Vieira da Silva—Tabajara de Jacarací—Bahia, srs. Evaristo Rezende & Cia.—Belém—Pará

Amortizados com 12 mil cruzeiros

Sr. Yassuki Eguti, p.s.f. Hiroshi—Penapólis—São Paulo, sr. Otacilio Pereira Barreto, p.s.f. Maria Helena—Sertãozinho—São Paulo, sr. Moysés Chmelnitsky—São Paulo, Major Paulo Orlenas do Couto—Niterói—Rio de Janeiro, D. Maria da Conceição Fernandes—Capital Federal, sr. José Kuhl Sebrinho, p. s. f. Annice—Limeira—São Paulo, D. Iolanda de Castro Figueredo—Curitiba—Paraná, sr. Sidone Vanderlei Tenório—Santana do Ipanema—Alagoas, sr. Ralf Costa da Cunha Lima, p.s.f. Aldeida—Manáos—Amazonas, sr. José Albuquerque Barbosa—São Paulo—São Paulo, sr. Angel Modesto Lopez—Urugualana—Rio Grande do Sul—(Liberado), sr. Sebastião Eugenio—Santos Dumont—Minas Gerais—(Liberado), sr. Manoel Inacio Ribeiro—Herculania—São Paulo—(Liberado), srs. Cruz & Cia.—Salvador—Bahia—(Liberado), sr. Tacio Mendes Braga—Maranguape—Ceará—(Liberado)

Amortizados com 6 mil cruzeiros

Sr. Jacob Sandri—Santa Rosa das Missões—Rio Grande do Sul, sr. José Garcia Pessanha Carvalho—Capital Federal, D. Maria Wanderlei, p.s.f. Walter—Manáos—Amazonas, D. Talita Lobo Ferreira—Rio Grande—Rio Grande do Sul, sr. Filogonio Reis—São Paulo—São Paulo, sr. Eugenio Pereira de Sousa e Silva—Juiz de Fora—Minas Gerais, sr. Domingos Rufino—Belém—Pará, D. Guiomar de Almeida Sande, para Lamirobalde—Santo Antonio de Jesus—Bahia, sr. Enéas Gonçalves da Silva—Baturité—Ceará, D. ilza Gabriel-Goiana-Goiaz-(Liberado), sr. Eusebio Borges Fonseca-Iconha-Espirito Santo-(Liberado), sr. Maria de Souza Vilela, p.s.f. Maria José-Cap. Federal-(Liberado), Dr. Hildefonso Chaves Holanda-Cap. Federal (Liberado), sr. Pedro Koenen, p.s.f. Tecla Hildegard-Porto Lucena-R. G. do Sul-(Liberado)- sr. José Soares de Góis-Mossoró-Rio Grande do Norte-Liberado, sr. J. Ernesto Gemignani-Botucatú-São Paulo-Liberado sr. Antonio Marinoto, p.s.f, Demóstenes-Barirí-São Paulo-Liberado, sr. Silvio Torre-Cap. Federal-Liberado, sr. Salvador Aiello-Rincão-São Paulo-Liberado

O PRÓXIMO SORTEIO REALIZAR-SE-Á EM 30 DE AGOSTO DE 1944

"O Melhor Titulo DENTRO DO Melhor Plano PELA Melhor Sociedade de Capitalização"

A Mãe do leproso

(continuação da pág. 11)

emprego. O proprietário era um sujeito cãrrancudo, óculos sôbre o nariz, um pouco obeso, o tipo de burguês usurário. Olhou o rapazito dos pés á cabeça, perguntou-lhe se não tinha maus costumes, se não era portador de moléstias contagiosas, etc., o rapaz respondeu que não.

Está bem lhe darei o emprego, porém, exijo que me traga um atestado de bôa conduta, e um atestado medico.

Dirigiu-se êle ao Posto de saúde afim de obter o documento exigido. O médico examinou-o atenciosamente, descobrindo nêle os vestígios da lepra. Fitou-o bem, e com ar profissional disse-lhe:

De hoje em diante, você não poderá mais estar em contacto com o povo.

Está leproso, necessitando recolher-se ao Leprosário.

Leproso!!! foi a resposta do miserável órfão, que tinha uma grande missão a cumprir, amparar sua pobre mãe, que talvez áquela hora estivesse ajoelhada diante do altar de Cristo, rogando a Deus que seu filho fosse bem sucedido. A palavra LEPROSO ficou percutindo seu cerebro como o martelo do ferreiro malha o ferro na bigorna. Teria que se recolher ao Leprosário... que seria de sua pobre mãe, como poderia passar sem êle, sem o seu apoio; ficar entregue a humanidade, que é vil e perversa, boiando na massa popular, ao sabor dos tempos, como a náu sem direção boia sôbre as aguas ao sabor dos ventos.

Dirigiu-se para casa, nada dizendo a sua mãe. Entretanto, a sua palidez cadavérica despertou a atenção da velha.

Que lhe aconteceu meu filho, está tão pálido.

Nada minha mãe, somente que... Nêste momento, um carro preto, de aspecto sinistro estacionava em frente a casa. Era o carro que transporta os leprosos. De dentro saltaram dois guardas e um enfermeiro, pronunciando é aqui. A mulherzinha se aproximou dos homens, perguntando.

Que desejam senhores;— seu filho, que vai para o Leprosário.—Leprosário!!! Jesus, socorrei-me. Aquela voz foi arrancada do mais recôndito do coração, saindo quasi, cavernosa. Ajoelhou-se aos pés dos seus algozes, soluçando, implorou que não levassem o seu filho, deixassem-no morrer na sua companhia, sob o tecto que o viu nascer, aos cuidados daquela que lhe dera o ser. Todos os pedidos foram inúteis, os guardas se aproximaram do leproso segurando-o pelos braços.—Senhora, nada podemos fazer, somos mandados, e aqui estamos para executar as ordens que nos foram dadas. —Vamos moço, entre no carro. Tresloucada, a mãe atira-se aos braços do filho, beijando o nas faces cobertas de chagas, as suas lágrimas confundiram-se com as dêle, abraçou-se áquele corpo purulento e nau se abundo, que provocava repugnância a qualquer reptil. Só o amôr de mãe seria capaz de produzir a cena que presenciei. só as fibras de um coração materno seriam tão fortes para levar uma mulher a be jar as pústulas fétides da cara de um leproso.

Os guardas arrancaram no dos braços da mãe jogando-o dentro do carro. O veículo partiu e a desgraçada estendeu-se desfalecida no solo. Ninguem dela se aproximou, havia beijado a um morfético, a sua casa estava contaminada, e ela desprezada pela humanidade.

Todos os dias, uma mulher de face escaveirada e roupas andrajosas, se ajoelha ás doze horas, em frente á cabana solitária, e ora uma prece. Quem passa pergunta; quem é aquela, outros respondem, é a mãe do leproso.

"Mis-en-scene" no samba

Wilson W. Rodrigues

De vez em quando, surge a eterna polêmica em torno do samba.

E' a velha querela da cidade.

Sempre há motivos e razões para se discutir acerca do samba.

As divergências matizam as opinfões.

E diante dessa profusão de defensores e inimfgos da música popular, a verdade parece que se intimida e se esconde com tal jeito que nunca aparece.

Os louvores e os repudios disputam excessos, que às vezes assumem as raias dos debates violentos e dos insultos não recalcados.

Uns querem a vitória integral do samba, enquanto que outros pleiteiam o seu ostracismo.

Há as que amam a música porque a acham bela e envolvente, mas há também entre os parridários do samba, os que, não o apreciando, o defendem como resistência á invasão das músicas exóticas.

E' muito comum ouvir-se esse argumento:

—Já estrou farto de foxes e rumbas! Prefiro o samba que, pelo menos, é nosso.

E' uma forma de patriotismo musical.

Os piores porém, são os eruditos da música, que na mais vesga e desarrozoada comparação, procuram fazer paralelismo entre o samba e a música clásica.

Nada mais ocioso do que isso. Seria o mesmo que comparar um canteiro com o Jardim Botânico.

A desproporção dispensa qualquer comentário.

O debate, todavia deve se restringir aos apreciodores da música popular. Aí, sim, é que vamos encontrar os que apreciam o samba sem saber apreciá-lo. A maior parte dêles não conhece o samba. Ou melhor, conhece fragmentáriamente.

O Rádio nêsse ponto, é o grande responsável por essa desliguração.

O samba tem a sua «mise-en-sene» crioula, tem, o seu aparato coreográfico, tem a sua pompa coletiva.

O Rádio rouba tudo isso.

E' necessario reabilitar o samba na sua verdade tipica, na sua fisionomia original.

A batucada, a rota do samba, a velha umbigada; o sapateado, as crioulas, ou malandros, o terreiro enluarado, tudo isso faz parte da samba.

Sem isso, éle é disforme e fragmentàriô.

E' uma caricatura radiofônica.

«Vámos ler»

N. B. — Na nota bibliográfica «As exéquias de D. Francisco», à página 2, leia-se *«enfeixando êste ligeiro registo»* — em vez de *«enfeixando êste ligeiro registro»*.

Os jogos e sua influencia

(Continuação da 1ª. página)

Fundados no conceito biológico da atividade lúdica, os jogos visam o desenvolvimento das funções psiquicas e motrizes necessárias a expansão da personalidade; é portanto uma auto-afirmação; e diz Claparéde: «é manisfestação da tendencia do ser humano, a afirmar sua personalidade».

Portanto no jogo, nos brinquedos com seus colegas a criança acentua sua personalidade.

Na escola, os jogos prestam relevantes serviços à mestra; êles ajudam a individualizar os exercicios e a repetir noções que devem ser fixadas e automatizadas. Interessam a criança e lhe provoca o esforço no sentido de vencer e além de vencer a parte ou partido conténdor, vence dificuldades e conquista resultados satisfatórios no trabalho escolar.

Jogando a criança põe em atividade todos os sentidos, mormente o visual, auditivo e tatil os que maior influencia exercem nas aquisições intelectuais.

A utilidade dos jogos educativos na escola é incontestável; êles estabelecem a constante comunhão entre mestra e alunos: estreita cada vez mais êste élo sacrosanto cuja cadeia de recordaçõãs se prolonga por toda a existência. Em qualquer jogo, ginástico ou pedagógico a professora terá especial cuidado com sua própria atitude-cordial para com todos; enérgica até a intransigência para todos, evitar todas as possibilidades e desvios educativos e procurar obter dos jogos os proveitos com o minimo possivel de prejuizos. O jogo escolar é, portanto um instrumento de exercicio dos mais profundos poderes pessoais. E, no futuro tal instrumento será substituido pelo trabalho real; então o antigo escolar, agora adulto, assumindo grandiosas responsabilidades, perante a sociedade, porá em jogo para vencer na vida, o mesmo, interesse, a mesma atenção, o mesmo esforço, a mesma carga de amor proprio com que na escola disputava a vitória. E ei-lo que galhardo vence, porque preparou-se de antemão e, forjou sua invidualidade na escola, numa amistosa camaradagem sob a influencia benêfica dos mestres.